

UMA MODALIDADE DE TEXTO TÉCNICO: DESCRIÇÃO DE OBJETO

João Batista Neto Chamadoira

Doutor em Língua Portuguesa e Professor da Faculdade de Arquitetura,
Artes e Comunicação - FAAC - Unesp - Campus de Bauru
Professor aposentado do CEFET-SP

Fundamental nas atividades empresariais, o texto técnico não tem merecido, por parte dos professores de Língua Portuguesa, a importância que merece. O presente artigo tem o escopo de apresentar a caracterização do texto técnico — descrição de objeto —, levando-se em conta conceitos, especificidade de seu registro lingüístico e aspectos lexicais e estruturais.

Apesar de muito empregado nas empresas, o texto técnico — como descrição de peças, equipamentos, relatórios de manutenção, manual de instrução — não tem merecido tanto por parte dos professores de *Língua Portuguesa e Técnicas de Redação*, quanto dos autores de livros didáticos a necessária atenção, especialmente, no que tange à orientação para sua elaboração. Daí, portanto, a escassa bibliografia que, nesse caso, pode ser considerada causa ou conseqüência. Podemos citar, como causa desse problema, a dificuldade relacionada com a especificidade de seu léxico, bem como aspectos histórico-educacionais.

O pouco prestígio histórico do curso técnico, criado segundo Peterossi (1994), para atender os “filhos dos pobres, ou melhor, como a única via de ascensão permitida ao operário”, constitui uma das causas para essa visão preconceituosa. Como o texto técnico sempre esteve relacionado ao curso técnico, essa modalidade textual não tem recebido a importância merecida. Na verdade, o ensino de redação, como sabemos, tem o objetivo único da preparação do jovem para o exame vestibular. Tendo em vista, porém, os limites deste trabalho, deixaremos esses aspectos para outra oportunidade.

Além dos textos referentes à correspondência oficial e comercial, há

as modalidades descrição de objeto e descrição de processo.

Dadas, porém, as especificidades deste trabalho, contemplaremos apenas a modalidade *descrição de objeto*, procurando apresentar a caracterização dessa modalidade de texto.

O TEXTO TÉCNICO

Como afirmamos, a bibliografia sobre o texto técnico é escassa. Em geral, os livros limitam-se a afirmar que se caracterizam pela objetividade, e dão ênfase, de forma geral, à chamada correspondência oficial e comercial.

Medeiros (1994, p.182-183) no capítulo dedicado ao ensino da descrição, após apresentar características da *descrição comercial*, apresenta, para nossa surpresa, o conceito de descrição objetiva. Chama-nos a atenção fato de o autor diferenciar, já que apresenta em tópicos separados, a descrição comercial objetiva, usando como marca, a mesma característica de exatidão e concisão. Nesse caso, o que seria descrição comercial e o que seria descrição? Além do problema da questão conceitual, o autor não nos oferece orientação para a aprendizagem.

Já Cintra, Fonseca e Marquesi, com preocupação com o ensino superior, definem a linguagem técnica como o de

“... um uso específico que se circunscreve uma dada área sócio-profissional e que nem sempre tem uma função prática, visa a obter assentimento das pessoas, dar reforço para atitudes desejadas, provocar mudanças de opinião ou de comportamento, dar orientação para novas ações, bem como subsidiar decisões”.

Podemos perceber que os autores, afirmando que o texto técnico visa a influenciar pessoas, implicitamente negam a presença da objetividade, característica tão apregoada na conceituação dessa modalidade de texto.

Em relação às pesquisas universitárias, interessantes os conceitos exarados por Ulijn (1984:77). Para ele, no texto técnico, o engenheiro não pensa em palavras, mas em símbolos, números e gráficos. “*Because of this an engineering text has a lot of non linguistic information such as illustrations, algorithm charts and mathematical formulae*”.

Para Baten e Cornu (1984, p. 191), a primeira caracterização do texto técnico, que eles chamam de tecnológico, é dada por Searle, que contrasta o texto ficcional com o texto técnico. Para Searle, os textos não ficcionais têm a mesma verdade para o escritor e o leitor.

Os mesmos autores chegam a comparar o texto técnico com um jogo de quebra-cabeças. No texto técnico, o leitor deve chegar ao mesmo objetivo que o escritor. Nesse caso, a construção do significado consistirá em como as peças combinam. Em relação ao texto ficcional, “*The pieces are given but the puzzle will vary from writer to reader and among readers*”. No texto técnico, o leitor “*must do*”; no ficcional, o leitor “*must feel*”.

Outro aspecto deve ser abordado. Garcia (1985) e Carvalho (1991) empregam a expressão “técnico-científico”. Chamaremos aqui, entretanto, a linguagem técnica como aquela dos textos referentes ao funcionamento de maquinismos, descrição de equipamentos,

peças, deixando a expressão “linguagem científica” para as publicações de caráter científicas, que não serão objeto deste trabalho. Já que técnica se distingue de ciência, — respectivamente habilidade e conhecimento, pode-se diferenciar texto técnico de texto científico. Genouvrier e Peytard (1973, p. 288) diferenciam o saber técnico do saber científico. “*Deve-se distinguir terminologia técnica de metalingüística científica: a primeira exerce um papel de denominação dos ramos ou objetos próprios de um técnica e estabelece uma classificação entre os resultados obtidos pela técnica enquanto atividade: a segunda reúne as palavras por meio das quais se designam os conceitos operatórios de uma pesquisa ou de uma reflexão científica*”.

O LÉXICO ESPECIALIZADO DO TEXTO TÉCNICO

Já observamos que o texto técnico tem suas próprias especificidades. Encontramos entre essas especificidades o aspecto lexical.

Zambonim (1987:62), apresenta o conceito de campo lexical formulado por Cosério:

“Un campo lexico es una estructura paradigmática constituída por unidades léxicas que se reparten en una zona de significación común y que se encuentran en oposición imediata las unas com las otras”.

Dessa forma, um texto relacionado à área de Mecânica é diferente de um texto pertencente à área de Eletrotécnica, já que os respectivos termos referem-se a objetos diferentes e associados a áreas específicas. Enquanto termos como pressão, torneamento, fresa, morsa e máquina corresponderiam ao vocabulário de Mecânica, termos como fusível,

resistor, relé e voltímetro pertenceriam à Eletrotécnica.

Assim indivíduos estariam, profissionalmente, agrupados de acordo com a área de sua especialização e empregariam, em sua atividade profissional, uma das variedades lingüísticas, caracterizada por um *vocabulário especial*. Isso, evidentemente, envolveria uma abordagem sobre as teorias sociolingüísticas, o que, todavia, não será objeto deste trabalho, dado o fato de suas limitações.

Em relação ao termo do vocabulário especial, relativo aos textos técnicos, Carvalho (1991, p.36) apresenta as características específicas:

- a - Univocidade — ligação única e irreversível entre o significante e o significado, entre a denominação e a noção que se estabelece desde as origens;
- b - Monorreferencialidade: um significante terminológico, mesmo complexo, representa um conjunto nocional único, mesmo se esta noção é composta de vários elementos sêmicos como avião-a-jato, condicionador-de-ar, em que apesar da presença de dois ou três elementos sêmicos, aparece uma única noção;
- c - Estabilidade—o termo neológico tem estabilidade de uso e sua frequência não está sujeita à modificação.

Guilbert (1969, p.10) diferencia termo comum e termo técnico, por meio dos vocábulos *sociedade e aço*. Afirma que o primeiro apresenta várias acepções, enquanto que o segundo só poderá se referir a um único material. Um é essencialmente polissêmico, outro essencialmente monossêmico.

Daí seu caráter onomasiológico, exercendo uma função de denominação. Por oposição, o termo do vocabulário comum pode ter uma função semasiológica, por sua disponibilidade semântica, enquanto assume um conteúdo semântico diversificado. Ulijn (1984, p.74) mostra a presença do emprego de metáforas na produção de termos técnicos: partes do corpo: *screw-head, hair-spring, schoulder of a crew*, etc. Em Português temos, por exemplo, *cabeça-de-alfinete, porca, cotovelo*, etc.

Ainda sobre a linguagem dos textos especializados, Ure e Ellis (115) nos falam da presença da voz passiva como característica. Assim, para esses autores, a) “He heatet the misture”, seria mais apropriado para um texto não técnico. Já em, b) “The misture was heated”, teríamos um texto mais voltado para o registro técnico.

No texto técnico, como em geral, o sujeito é ser inanimado, não pratica a ação, ele se torna paciente e, assim, usa-se a voz passiva.

O TEXTO TÉCNICO: DESCRIÇÃO DE OBJETO

Como já afirmamos, circunscreveremos nosso trabalho na caracterização do texto técnico no que tange à descrição de objeto, de acordo com a denominação dada por Garcia (1981).

Apesar de o texto ser um todo e seus elementos interdependentes, faremos, por uma questão metodológica, separadamente, análise de seus elementos lexicais e estruturais.

1 A descrição de objeto

Podemos dizer que na descrição de objeto alguém ensina algo a alguém que não sabe e passa a saber. Assim, a des-

criação de objeto, numa representação formal, equivale ao seguinte esquema:

“X” = “Y”,

em que “Y” é o termo-objeto (referente de qualquer objeto a ser definido) e “X”, as diferentes características que o especificam e distinguem de outro objeto.

Para definir tecnicamente um objeto, o descritor apresenta as características, enumerando as particularidades pertinentes à definição, oferecendo informações num critério seletivo, que organiza os diferentes aspectos em função do interesse que deve despertar no leitor.

O texto descritivo pode ser definido pelas categorias da designação, da definição e da individuação.

- a - Pela categoria *designação*, podemos dar a conhecer, ou indicar o referente. Por exemplo: *gerador, motor de automóveis*;
- b - Pela categoria *definição*, entendemos um conjunto de predicções que aparece em seqüência a uma designação. Por exemplo: *“Gerador é um equipamento utilizado para geração de força principal ou de emergência, em aplicações terrestres ou marítimas”*;
- c - Pela categoria *individuação*, referir-nos-emos a um conjunto de predicções permanentes e/ou transitórias do ser. Por exemplo: *“O gerador de nossa empresa, recentemente adquirido, que foi transportado pela transportadora X, apresentou falhas e, portanto, está desligado provisoriamente”*.

Pelas características de nosso trabalho, limitar-nos-emos à categoria

da definição, pois os termos-objetos serão referenciados, levando-se em conta o fato de que representa a classe do objeto — o gerador SR4 — e não um ser que pertence a uma determinada classe — uns dos geradores SR4 que está num laboratório. Nesse caso, vemos a indicação da classe pelo artigo definido e não a de um elemento de uma classe por um artigo indefinido.

Em relação à categoria definição, Nascimento (1994), elenca os tipos de definição:

- a - Definição pelo uso ou função: a diferença determina o uso ou a função do termo-objeto;
- b - Definição pela descrição: a diferença estabelece como é o termo-objeto;
- c - Definição ostensiva: é indicada por dêiticos ou por meio de ilustrações.

1.1 O léxico da uma descrição técnica de objeto

O léxico de uma descrição técnica de objeto caracteriza-se pela presença das nominalizações, ou seja, substantivos e adjetivos derivados de verbo; pelos verbos indicativos de estado e pelos adjetivos.

1.2 A estrutura de uma descrição técnica de objeto

A estrutura de uma descrição técnica de objeto caracteriza-se pelo método dedutivo, isto é, inicia-se pelos elementos de significado mais abrangentes e finaliza-se pelos elementos de significado mais específicos. Visualmente seria uma pirâmide invertida.

Outra característica estrutural da descrição de objeto é a predominância do eixo paradigmático, na terminologia de Saussure, já que, ao se descrever

o objeto, procura-se fazer a seleção dos elementos que o caracterizarão, tais como as diferentes possibilidades nas dimensões, formas, material, etc, diferentemente da modalidade descrição de processo em que predomina o eixo sintagmático.

2 Análise de uma descrição de técnica de objeto

Apresentamos abaixo um exemplo de descrição técnica de objeto e, em seguida, a análise.

O disjuntor *

O disjuntor é um equipamento destinado a detectar as sobrecorrentes de um circuito elétrico energizado. É composto internamente por dispositivos que atuam com a passagem de correntes superiores às nominais do equipamento, interrompendo a passagem da corrente elétrica.

Externamente é composto por uma caixa plástica retangular moldada. De cor preta com dimensões de 9,0 x 1,5 x 6,0cm e, nesta, dois terminais situados, um em cada extremidade. Na sua parte frontal, possui um dispositivo de rearme, devendo este ser acionado após a detecção de correntes nominais acima daquelas admissíveis pelo equipamento supracitado.

Os disjuntores são equipamentos de alta tecnologia, muito eficientes e relativamente baratos, adequando-se às mais diversas situações de uso predial ou industrial, tornando-se, assim, indispensável em qualquer instalação.

*Autor: Ex-aluno Rogério Gonçalves Nigri — 4º ano — 1995.

Nesta análise, levaremos em conta o aspecto lexical e o aspecto estrutural.

2.1 Aspectos lexicais

2.1.1 As nominalizações

São muito freqüentes as palavras — substantivos e adjetivos — derivadas de verbos. Essa característica do texto técnico tem sua razão de ser. E pode ser explicada. No texto técnico, o referente sempre é um objeto e, assim, sob o ponto de vista sintático-semântico, é um sujeito designado por substantivo indicativo de um ser inanimado, portanto, incapaz de ação voluntária, um sujeito que sempre será paciente. Dessa forma, a solução que o usuário da língua encontra, para apresentar fatos e processos sem um sujeito da ação ou da característica, é empregar, no lugar de verbos de ação, um substantivo derivado de verbo de ação.

Vejam os alguns substantivos e adjetivos derivados de verbos, presentes no texto O disjuntor:

2.1.1.1 Substantivos

- equipamento: derivado do verbo equipar;
- dispositivos: derivado do verbo dispor;
- passagem: derivado do verbo passar;
- correntes: derivado do verbo correr;
- terminais: derivado do verbo terminar;
- rearme: derivado do verbo rearmar;
- detecção: derivado do verbo detectar;
- instalação: derivado do verbo instalar;

2.1.1.2 Adjetivos

- energizado: derivado do verbo energizar;
- composto: derivado do verbo compor;
- moldada: derivado verbo moldar;
- situados: derivados do verbo situar;
- admissíveis: derivado do verbo admitir;
- indispensáveis: derivado do verbo dispensar.

2.1.2 Presença dos verbos estativos

Os verbos estativos são verbos indicadores de estado, ou seja, segundo Borba (1991, p. xix), *expressão de uma propriedade, de uma condição ou de uma situação localizada no sujeito*.

Além dos já conhecidos verbos indicadores de estado, como ser, estar, parecer, incluem-se, nessa categoria, os verbos possuir, compor, medir, ter, etc.

No texto ora analisado, aparecem:

- *compor*: Externamente é *composto* de ...
- *possuir*: na parte frontal, possui um *dispositivo*.
- *tornar-se*: *tornando-se* indispensável ... qualquer que *seja* a instalação...

Poderíamos ainda considerar como estativos os verbos *medir*, *ter*, *parecer*, *conter*, *apresentar*, *consistir*, etc.

2.2 Aspectos estruturais

2.2.1. Método dedutivo

O texto técnico descritivo apresenta uma organização com base no método dedutivo, isto é,

parte dos elementos de significado mais abrangente para os elementos de significado mais específico; cujo esquema é o de uma pirâmide invertida:

O disjuntor

f u n ç ã o
c o m p o s i ç ã o
d e s c r i ç ã o
d e c o m p o n e n t e s
d i s p o s i t i v o s i n t e r n o s
c a i x a p l á s t i c a
f o r m a
c o r
d i m e n s õ e s
r e a r m e

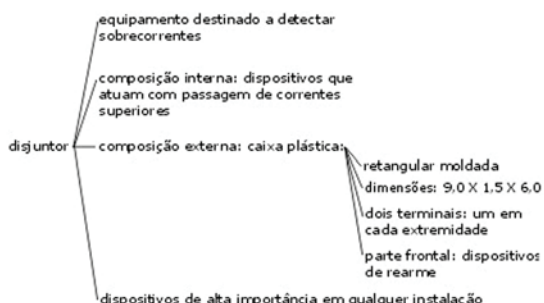
Outro elemento específico da descrição de objeto é o predomínio do eixo paradigmático, na terminologia saussuriana. Assim, a organização textual se faz pela escolha e pela combinação dos signos que correspondem aos conceitos de Saussure sobre os eixos paradigmático e sintagmático.

Em se tratando de descrição, temos como característica a presença da estatividade sob o ponto de vista do tempo e, dessa forma, a ausência de movimento. Assim, aos compormos o texto, portanto, fazemo-lo de modo a desenvolvê-lo no sentido de um *disjunção* (*conjunção ou*), ou melhor, fazemos uma escolha entre um aspecto ou outro e não *junção* (*conjunção e*), isto é, uma ação e outra. Definimos um objeto pelas “n” características que o distinguem de outro. Nesse caso, privilegiamos determinadas peculiaridades para descrevê-lo, levando-se em conta nossas intenções, os diferentes aspectos, as diferentes formas, dimensões, materiais, utilizações.

Assim, estamos falando do eixo paradigmático, ou seja, da classe de elementos que podem ser

colocados no mesmo ponto de uma mesma cadeia verbal e são, portanto, elementos comutáveis.

Abaixo, a estruturação do texto-exemplo *O disjuntor*



2.2.2 Voz passiva

Outro aspecto a ser considerado como característica estrutural do texto técnico, como já afirmamos, é a presença da voz passiva.

No texto em questão, observamos as construções passivas:

- É composto...
- devendo este ser acionado...

2.2.3 Os tempos verbais na descrição técnica de objeto

Weinrich (1968 p. 66) conceitua os tempos verbais em *tempos do mundo narrado* — usados nas narrativas — e *tempos do mundo comentado* — empregados nos ensaios, nos textos científicos (e, por extensão, nos textos técnicos).

No texto descritivo, há um predomínio dos tempos do mundo comentado, chamados de verbos de “tratar las cosas”.

Entre esses tipos de tempos está o presente, que predomina na descrição técnica.

CONCLUSÃO

Creemos que, no ensino, a experiência do texto técnico pode levar o educando ao emprego correto da linguagem denotativa, essencial tanto quanto a linguagem da função poética, a conotativa. Além disso, todos os educandos, não importa a profissão que adotem, estarão às voltas com o uso da linguagem técnica.

REFERÊNCIAS

- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário gramatical de verbos*. Araraquara: Unesp, 1991.
- CARVALHO, Nelly A *terminologia científica*. São Paulo: Ática, 1991.
- CINTRA, Ana et al. *Português instrumental*. São Paulo: Atlas, 1995.
- GARCIA, Othon. Maria. *Comunicação em prosa moderna*, Rio Janeiro: Fund. G. Vargas, 1985.
- GENOUVRIER, Emile e PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do Português*. Coimbra: Almedina, 1973.
- PETEROSI, Helena G. *Formação do professor para o ensino técnico*. São Paulo: Ática, 1995.
- ULIJN, J. M. Reading for professional purpose: psylinguistics evidence in a cross-linguistic perspective. In: PUGH, A. K. and ULIJN, J. M. (ed.) *Reading for professional purposes languages*, London: Henemann, 1984.
- VILLEGAS, Oscar Uribe. *La sociolingüística actual — Algunos de sus problemas, plantemantos y soluciones*. Mejico, Universidad Nacional Autonoma de Mejico, 1974.

WEINRICH, Harald. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.

ZAMBONIM, João Devino. *Língua natural: enfoque sócio-lingüístico*. In: Alfa nº 33, Araraquara: Unesp, 1989.